

DOSSIÉ



SOMENTE ALGUNS CORPOS

ONLY FEW BODIES

*Cuerpos tendidos, cuerpos sometidos, felices, concretos,
infinitos... [Idea Vilariño]*

O que move o olhar? O que nos enreda e nos impõe a vontade de nos transformarmos em predadores e capturarmos o instante, o gesto, o objeto, o obscuro desejo que se manifesta na forma/rosto que nos olha? Corpo palpável às nossas retinas e lentes. Talvez, o anseio de guardar o momento, o “real” ou o ilusório mova a fotografia.

Segundo Ana Maria Mauad¹:

... entre o sujeito que olha e a imagem que elabora há muito mais que os olhos podem ver. A fotografia - para além da sua gênese automática, ultrapassando a ideia de análogo da realidade - é uma elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido, ou ainda uma leitura do real realizada mediante o recurso a uma série de regras que envolvem, inclusive, o controle de um determinado saber de ordem técnica.

Como um poema ou um breve conto, ela, a fotografia, nos dá a ver algo, uma face, umas formas, um espaço vazio, mas que guardam as marcas daquele/a que ali habitava ou apenas descansou por momentos. Condensada ao máximo, a linguagem fotográfica, como a poesia, revela ocultando, excluindo tudo o que é supérfluo de seu foco, a foto capta a essência, o momento fulcral do ser e impõe aos seus leitores/observadores a coautoria nessa poética do instante.

O fotógrafo/a busca a ambiguidade, o ponto de confluência do que vive a nostalgia da vida anterior, que, por sua vez, é pressentimento da vida futura, como afirma Octávio Paz²; esta ambiguidade que se revela num instante relampejante, no ato mesmo de se deixar fotografar. A foto não é apenas uma presença luminosa, uma pegada que o fotógrafo/a segue, ela é uma presença trabalhada por um gesto radical – um corte – que faz cair sua lâmina sobre o fio da duração e da extensão. Temporalmente, a imagem/ato fotográfico interrompe, detém, fixa, imobiliza,

Prof. Dra. Flávia Regina Marquetti

Pesquisadora do Grupo de Pesquisa

Arqueologia Histórica – UNICAMP

Pesquisadora do Grupo LINCEU– FCLAr/UNESP

e-mail: flavia.marquetti@gmail.com

¹ MAUAD, Ana Maria. *Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces*. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º 2, 1996, p. 3.

² PAZ, Octávio. *O Arco e a Lira*. Tradução Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p.164-5.

separa, desapega a duração captando apenas um instante. De forma análoga, ela fraciona, escolhe, extrai, isola, capta, corta o espaço, uma porção da extensão. A foto assemelha-se assim ao corte, a uma ruptura única e singular de espaço/tempo, literalmente “cortada em vivo”, segundo Philippe Dubois³. Imagem tomada de empréstimo, subtraída a uma dupla continuidade. Pequeno bloco de está-ali, pequena porção de aqui - agora, roubada de um duplo infinito. O fotógrafo, diametralmente oposto ao pintor, trabalha sempre com a lâmina, fazendo passar, em cada visão, em cada tomada, o mundo que o rodeia pelo fio da navalha.

Este recorte próprio da fotografia desvela o que está diante do olhar cotidiano e distraído, confere nova percepção a ações, faces, realidades, sejam elas belas, embrutecidas ou aviltadas. O ato fotográfico impõe-se como lente de aumento na tomada de consciência do que está mais além da pegada luminosa, o humano.

Pois como bem coloca Ana Maria Mauad⁴:

...há que se considerar a fotografia, simultaneamente como imagem/documento e como imagem/monumento. No primeiro caso, considera-se a fotografia como índice, como marca de uma materialidade passada, na qual objetos, pessoas, lugares nos informam sobre determinados aspectos desse passado-condições de vida, moda, infra-estrutura urbana ou rural, condições de trabalho etc. No segundo caso, a fotografia é um símbolo, aquilo que, a sociedade estabeleceu como a única imagem a ser perenizada para o futuro. Sem esquecer jamais

que todo documento é monumento, se a fotografia informa, ela também conforma uma determinada visão de mundo.

Visão de mundo que persegue a verdadeira cifra do humano, que talvez seja o Desejo – um projetar-se contínuo para o que ele não é, mas que está sendo, um ser que nunca acaba de ser, não um ser de desejos, mas, muito mais, um desejo de ser. A proposta desse dossiê é fugir a qualquer sistema redutor e revelar olhares sobre esses desejos, sobre o imaginário na construção dos gêneros. O ser humano se imagina e, ao se imaginar, revela-se, diz Paz.

Unir a fotografia à noção de gênero é transpor o silêncio que habita o feminino e a imagem que se faz dele; é justapor dois espelhos frente a frente, dois abismos que se refletem mutuamente, inapreensíveis em sua totalidade, fugidios à definição e a delimitação.

Enquanto a identidade social de gênero pode ser descrita como uma construção ao longo do tempo/vida, somada à percepção que se vai adquirindo do próprio corpo; a fotografia possui um aspecto pontual, exato, pois é o ponto de chegada de um gesto, que aqui se faz duplo, o do/a fotógrafo/a e o da fotografada – um gesto externo que busca o ínfimo, o detalhe, o indizível, mas que pressupõe a troca, a entrega incondicional de ambas as partes; e que permite vislumbrar esse conjunto de sensações internas que estão presentes em cada indivíduo e que o fazem sentir que pertence ao gênero masculino ou feminino, que é homem ou mulher.

Nesse Dossiê, pensado barthesianamente, foram reunidos fotógrafos e fotógrafas experientes e “amadores”, definição externa ao objeto desejado, o conceito, a ideia que se tem sobre elas: mulher e fotografia.

³ DUBOIS, Philippe. El acto fotográfico. De la representación a la recepción. Tradução Graziella Baravalle. Barcelona: Paidós, 1986. p. 141.

⁴ MAUAD, Ana Maria. op. cit., p. 8.

A foto, como o feminino, traz consigo a marca do referente e, como nos diz Barthes, “ambos são atingidos pela mesma imobilidade amorosa ou fúnebre, no âmago do mundo em movimento”⁵. Tal qual a mulher, definida por suas características sexuais secundárias, a foto também é marcada por uma leitura de segunda ordem, pois o que vemos ali, não é a foto, mas algo, uma coisa, um corpo, um espaço capturado em um instante único, que não retornará jamais, mas que será passível de ser reproduzido mecanicamente ad infinitum. É o “particular absoluto”, de Barthes⁶, reduplicado.

Aprender o inapreensível, a alma de uma realidade, como deseja a poesia: exercício de condensação, técnica e revelação do “hic et nunc”. A foto, como o feminino, envolve, funde dois mundos aparentemente imiscíveis: o real e o que lhe escapa.

Levantar os véus que encobrem e tentam transformar o feminino em uma categoria única é a proposta deste dossiê. Assim como a fotografia, pré-definida por categorias em nossa cultura, a mulher também tem sido enquadrada em delimitações de ordem social, moral, econômica e de sexo. Mas ambas escapam, se furtam a essa redução técnica, mecanicista ditada pela tradição, pelo mercado de consumo, pela sociedade. Estabelecendo-se, dessa forma, uma perfeita sincronia entre elas.

Rompendo todos os paradigmas e pressupostos, o feminino e a fotografia fogem desse aprisionamento do olhar/conceito comum, únicas em sua multiplicidade elas rompem o discurso feito sobre elas, metamórficas, não se deixam fixar em uma só imagem. Esse afã entre real/ilusão, palpável/inatingível marca esses dois seres.

O Eu transformado em Outro, em pré-conceito de gênero, de ação ou imobilidade social, arditosamente dissociada de sua consciência de identidade, a mulher (o conceito de feminino) foi e é marcada pelo externo, quer tenhamos em mente seu corpo, suas formas, quer o masculino/social. Um Eu que é sempre Outro para si e para o mundo – um ser duplo, ambíguo, mítico objeto de representação, mas nunca totalmente revelado.

Onde se encontra o feminino? Eis a pergunta feita aqui: na imagem social, no sujeito da ação, no espaço ocupado, no gesto inconsciente, na pose, na submissão, na fantasia, onde?!

Se pensarmos a partir de Foucault⁷, podemos dizer que o feminino não está no que é dito sobre ele, mas sim no acontecimento de seu entorno, nas funções atribuídas e/ou assumidas por esse feminino: mulher, mãe, amante, amparo, perigo, dor, abismo voraz, ternura, sedução, ilusão. O lugar onde reside o feminino tem sido, ao longo da vida humana, um espaço/ser marcado pelo desejo e pela ânsia por sua satisfação.

Ser, estar no mundo, é ocupar um lugar no espaço, estabelecer relações/conexões com objetos, pessoas, linguagens, sensações; em muitas das fotos presentes nesse dossiê estão representados os lugares, os percursos ou caminhos criados por corpos femininos, a cada deslocamento, um papel desempenhado, uma memória guardada, um instante capturado pelo voyeur/fotógrafo.

Na busca de repensar e construir diferentes relações entre o feminino e o mundo, os artistas suscitam novos contornos para esse espaço/corpo feminino e o reorganizam para propor outras percepções e expressões. Intercalando diálogos e iluminando outras paisagens.

⁵ Barthes, Roland. *A câmara clara*. Tradução Júlio C. Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p.15

⁶ *Ibidem*, p. 11

⁷ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola. 2002.

O que se pretende aqui é uma história dos olhares sobre o feminino, minimamente retratado, pois aborda apenas alguns ângulos desse objeto, uma vez que:

“Diante da objetiva, sou ao mesmo tempo: aquele que eu me julgo, aquele que eu gostaria que me julgassem, aquele que o fotógrafo me julga e aquele de que ele se serve para exhibir sua arte... Imaginariamente, a Fotografia representa esse momento muito sutil em que, para dizer a verdade, não sou nem um sujeito nem um objeto, mas antes um sujeito que se sente tornar-se objeto: vivo então uma micro experiência da morte (do parêntese): torno-me verdadeiramente espectro.”⁸

⁸ BARTHES, op. Cit, p. 27.

Je suis comme je suis
Je suis faite comme ça
Quand j'ai envie de rire
Oui je ris aux éclats
J'aime celui qui m'aime
Est-ce ma faute à moi
Si ce n'est pas le même
Que j'aime chaque fois
Je suis comme je suis
Je suis faite comme ça
Que voulez-vous de plus
Que voulez-vous de moi

Je suis faite pour plaire
Et n'y puis rien changer
Mes talons sont trop hauts
Ma taille trop cambrée
Mes seins beaucoup trop durs
Et mes yeux trop cernés
Et puis après
Qu'est-ce que ça peut vous faire
Je suis comme je suis
Je plais à qui je plais

Qu'est-ce que ça peut vous faire
Ce qui m'est arrivé
Oui j'ai aimé quelqu'un
Oui quelqu'un m'a aimée
Comme les enfants qui s'aiment
Simplement savent aimer
Aimer, aimer...
Pourquoi me questionner
Je suis là pour vous plaire
Et n'y puis rien changer

Jacques Prévert, Recueil de poèmes: Paroles, 1946